

1

2011

This Ain't the Summer of Love*

Ele não tinha conseguido limpar-se de todo o sangue dela. Por baixo da unha do dedo médio da sua mão esquerda havia ainda uma linha escura, como um parêntesis. Pôs-se a tentar removê-la, embora gostasse bastante de a ver ali: era uma recordação dos prazeres do dia anterior. Ao fim de um minuto a escovar sem resultados a unha debruada a sangue, meteu o dedo na boca e pôs-se a chupá-lo. O sabor a ferro recordou-lhe a torrente que jorrara abundantemente para o chão de cerâmica, salpicando as paredes, encharcando-lhe as calças de ganga e transformando as toalhas de banho cor de pêssego — fofas, secas e muito bem dobradas — em trapos ensopados em sangue.

As cores pareciam mais vivas hoje de manhã e o mundo, um lugar mais encantador. Sentia-se sereno e animado, como se a tivesse absorvido, como se a vida dela tivesse passado para ele por uma espécie de transfusão. Pertenciam-lhe, depois de as matar: era uma posse muito além da posse do sexo. Só saber que aspeto tinham no momento da morte era uma intimidade que ultrapassava de longe qualquer coisa que dois corpos vivos pudessem experimentar.

Com um frémito de excitação, refletiu que ninguém sabia o que ele tinha feito nem o que estava a planear fazer a seguir. Continuou a chupar o dedo médio, feliz e em paz, encostado à parede quente ao sol fraco de abril, com os olhos postos na casa em frente.

* «Isto não É o Verão do Amor». (NT)

Não era uma casa elegante. Era vulgar. Um sítio mais agradável para se viver, tinha de admitir, do que o minúsculo apartamento onde as roupas inteiriçadas pelo sangue do dia anterior se encontravam em sacos do lixo pretos a aguardar incineração e onde as suas facas, brilhantes, lavadas com lixívia, estavam encafuadas por trás da curva do cano debaixo do lava-louça na cozinha.

Esta casa tinha um pequeno jardim à frente, um gradeamento pintado de preto e um relvado a precisar de ser aparado. Duas portas da rua brancas tinham sido colocadas lado a lado, indicando que a casa de três andares fora convertida em apartamentos nos andares de cima e de baixo. Uma rapariga chamada Robin Ellacott vivia no rés do chão. Embora ele se tivesse dado ao trabalho de descobrir o seu verdadeiro nome, interiormente continuava a chamá-lo *Secretária*. Acabara de a ver passar por trás da janela, facilmente reconhecível pelo seu cabelo de cor viva.

Vigiar a *Secretária* era um extra, um agradável bónus. Como ele tinha umas horas livres, decidira vir observá-la. Hoje era um dia de descanso, entre as glórias de ontem e as de amanhã, entre a satisfação do que tinha sido feito e a excitação do que aconteceria a seguir.

A porta do lado direito abriu-se inesperadamente e a *Secretária* saiu, acompanhada por um homem.

Ainda encostado à parede quente, ele pôs-se a olhar pela rua abaixo, de lado para eles, para dar a impressão de que estava à espera de um amigo. Nenhum dos dois lhe prestou atenção. Começaram a subir a rua, lado a lado. Depois de lhes dar um minuto de avanço, decidiu segui-los.

Ela estava de calças de ganga, com um casaco leve e botas de tacão raso. O seu cabelo comprido e ondulado era ligeiramente arruivado, agora que a via à luz do sol. Pareceu-lhe detetar uma ligeira reserva entre ambos, que se mantinham em silêncio.

Ele sabia interpretar bem as pessoas. Interpretara e encantara a rapariga que tinha morrido ontem entre as toalhas cor de pêssego ensopadas em sangue.

Seguiu-os ao longo da comprida rua residencial, com as mãos nos bolsos, em passos descontraídos como se estivesse a caminho das lojas, de óculos escuros, que não atraíam a atenção nesta manhã soalheira. As árvores balouçavam-se suavemente na ligeira brisa da primavera. Ao fundo da rua, o par à sua frente virou à esquerda

para a artéria larga e movimentada ladeada por edifícios de escritórios. As vidraças das grandes janelas refulgiam lá no alto à luz do sol quando eles passaram pelo edifício da autarquia de Ealing.

Agora, o colega de apartamento da *Secretária*, o namorado ou lá o que era — visto de perfil, tinha traços regulares e queixo quadrado — estava a falar. Ela deu-lhe uma resposta breve e não sorriu.

As mulheres eram tão mesquinhas, tão mazinhas, sujas e picuinhas. Cabras amuadas, todas elas, sempre à espera de que os homens as fizessem felizes. Só quando estavam mortas e vazias diante de nós é que ficavam purificadas e se tornavam misteriosas e até maravilhosas. Eram inteiramente nossas, sem poderem discutir nem debater-se nem ir-se embora, nossas para fazermos delas o que quiséssemos. Ontem o cadáver da outra revelara-se pesado e molengão, depois de ele o ter esvaziado de sangue: o seu brinquete de tamanho natural, o seu brinquedo.

Seguiu a *Secretária* e o namorado dela pelo centro comercial Arcadia, deslizando atrás deles como um fantasma ou um deus. Será que as pessoas que andavam às compras neste sábado o veriam sequer ou estaria ele transformado de algum modo, duplamente vivo, com o dom da invisibilidade?

Tinham chegado a uma paragem de autocarro. Ele deixou-se ficar por perto, a fazer de conta que estava a olhar para dentro de um restaurante indiano, para a fruta empilhada numa pirâmide alta diante de uma mercearia, para as máscaras de cartão do príncipe William e de Kate Middleton que estavam penduradas na montra de uma tabacaria, a vigiar o reflexo dos dois no vidro.

Iam entrar no autocarro número oitenta e três. Ele não tinha muito dinheiro nos bolsos, mas estava a gostar tanto de a seguir que não queria que aquilo terminasse já. Ao entrar no autocarro atrás deles, ouviu o homem mencionar Wembley Central. Comprou um bilhete e seguiu-os para o andar de cima do autocarro.

O casal arranjou dois lugares juntos mesmo na frente do autocarro. Ele ocupou um lugar perto, ao lado de uma mulher mal-encarada a quem obrigou a tirar os sacos das compras do assento. As vozes deles ouviam-se por vezes, sobrepondo-se aos murmúrios dos outros passageiros. Quando não estava a falar, a *Secretária* olhava pela janela lá para fora, sem sorrir. Ela não queria ir aonde quer que eles estavam a dirigir-se, disso ele tinha a certeza. Quando ela

afastou uma madeixa de cabelo dos olhos, ele reparou que trazia no dedo um anel de noivado. Então ia casar-se... ou assim o julgava. Ele ocultou o seu leve sorriso atrás da gola levantada do casaco.

O sol quente do meio-dia jorrava através das janelas do autocarro, salpicadas de sujidade. Entrou um grupo de homens e ocupou os lugares à volta. Dois deles estavam com *T-shirts* de um clube de rãguebi, vermelhas e pretas.

Subitamente, era como se, sentiu ele, a luz radiante do dia tivesse diminuído de intensidade. Associava aquelas *T-shirts*, com o quarto crescente e a estrela, a coisas que não lhe agradavam. Recordavam-lhe uma época em que não se sentira como um deus. Não queria que o seu dia feliz ficasse salpicado e manchado com velhas recordações, recordações más, mas a sua animação estava subitamente a esvaír-se. Já furioso — um adolescente do grupo fitou-o, mas desviou à pressa o olhar, alarmado —, pôs-se de pé e dirigiu-se para as escadas.

Um pai e o seu filho pequeno estavam agarrados ao varão ao lado das portas do autocarro. Uma explosão de fúria na boca do estômago: *ele* devia ter tido um filho. Ou antes: ele devia *ainda* ter um filho. Imaginou o menino de pé ao seu lado, a olhar para cima, para ele, a venerá-lo como um herói — mas o seu filho tinha desaparecido há muito tempo, o que era inteiramente devido a um homem chamado Cormoran Strike.

Ele ia vingá-lo de Cormoran Strike. Ia dar-lhe cabo da vida.

Quando chegou ao passeio, olhou para cima, para a janela da frente do autocarro, e teve um último vislumbre da cabeça dourada da *Secretária*. Vê-la-ia de novo dentro de menos de vinte e quatro horas. Esse pensamento acalmou a súbita raiva causada pela visão daquelas *T-shirts* dos Sarracens. O autocarro afastou-se e ele encaminhou-se na direção oposta, tentando acalmar-se enquanto andava.

Tinha um plano maravilhoso. Ninguém sabia. Ninguém suspeitava. E aguardava-o algo muito especial no frigorífico em casa.